

UNICAMP

EVENTO:	BIENAL DE SÃO PAULO
	Ballet da Ópera de Paris
VEÍCULO:	Jornal do Brasil
DATA:	20 de junho de 1994
PÁGINA:	1ª
SEÇÃO:	Caderno B



Explosiva união da vanguarda

Ópera de Paris monta na Bienal de São Paulo os revolucionários ‘balés russos’ de Diaghilev

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — A Ópera de Paris vai apresentar no fim do ano, na 22ª Bienal Internacional de São Paulo, seu maior tesouro: a série de balés montados pelo russo Serge de Diaghilev entre 1910 e 1929. As quatro coreografias — *Le rendez-vous*, *O filho pródigo*, *Parade* e *Apollon* —, conhecidas como “os balés russos”, levaram as prestigiadas assinaturas de George Balanchine, Leonid Massin e Roland Petit. Mas, apesar do talento desses coreógrafos, o nome que ficou na história como renovador da dança clássica no início do século foi o de Diaghilev, um mecenas exótico, charlatão, insolente, sem escrúpulos e sem talento, conforme ele próprio definiu-se quando pediram-lhe que fizesse seu auto-retrato.

As quatro coreografias que serão interpretadas em São Paulo são o resultado da colaboração de artistas de vanguarda dos anos 20, reunidos em torno da dança com o objetivo de condensar todas as tendências que surgiram naqueles anos fecundos, como o cubismo e a música dodecafônica. Mas os quatro balés marcaram também a história da dança moderna por causa dos escândalos que provocaram ao serem encenados pela primeira vez. Acontece que Diaghilev, certo de que somente a simbiose de todas as artes

transformaria o balé em arte universal, apelou para os talentos mais criativos da época: Picasso, Brassai, Jean Cocteau e Roualt foram convocados para executar os figurinos, os cenários e as cortinas do teatro.

“Atualmente só as grandes companhias como o corpo de baile da Ópera de Paris têm condições de montar tais obras. Em parte porque elas exigem grande disponibilidade de recursos, em parte porque raras são capazes de assumir compromissos definitivos com o patrimônio e a história da dança”, assegurou ao JORNAL DO BRASIL Josseline Le Bourhis, responsável pela participação dos “balés russos” na Bienal de São Paulo. O patrimônio ao qual ela se refere são os figurinos, os cenários, as cortinas desenhadas por mestres da pintura da primeira metade do século para compositores não menos geniais, como Sergei Prokofiev e Eric Satie.

Como até então a dança era reservada a uma elite e obedecia a regras estritas, é lógico que a estreia dos quatro primeiros balés

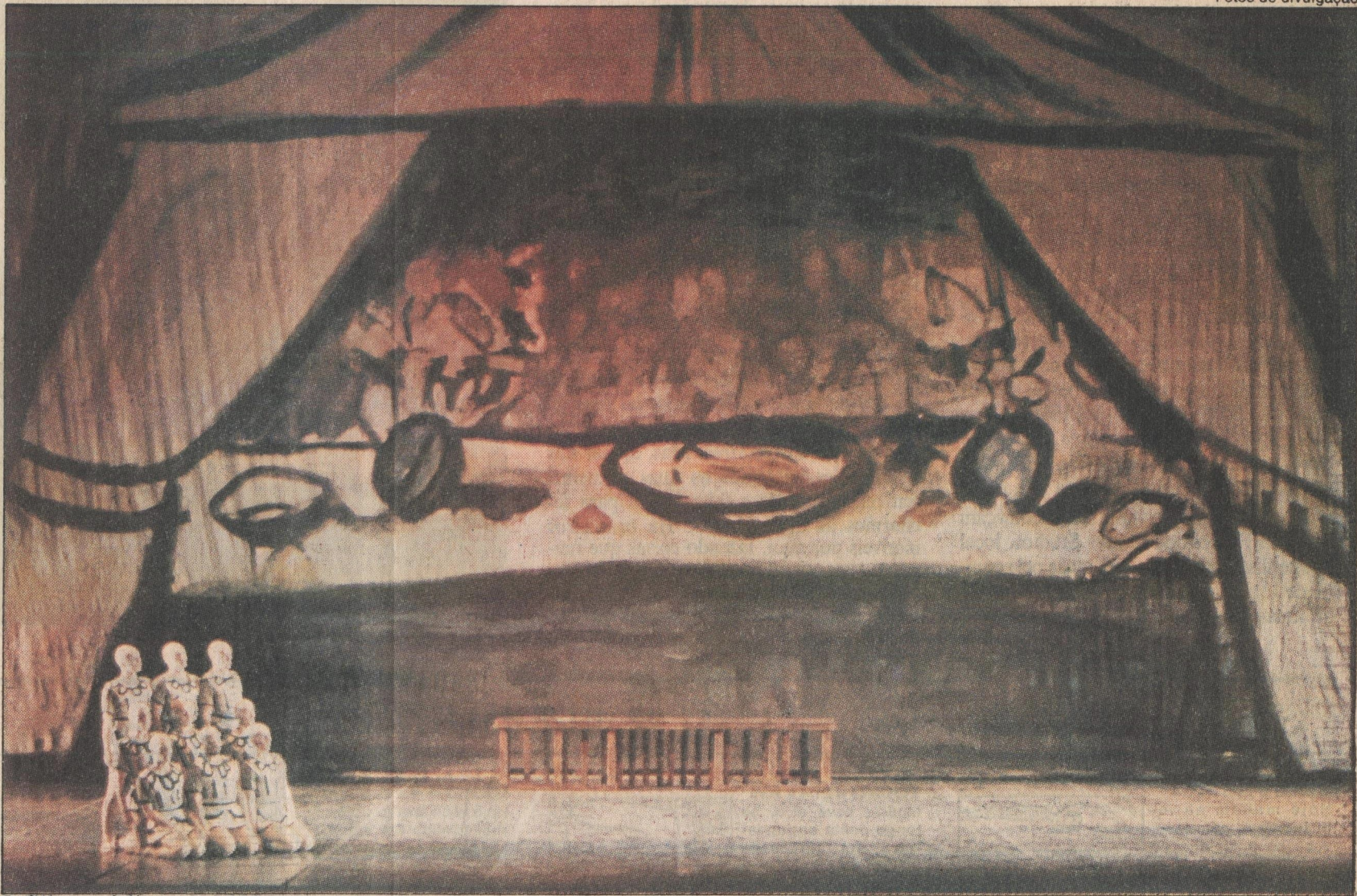
foi motivo de escândalo e vaias. Contudo, nenhuma crítica ultrapassou a provocada pela fúria dos espectadores quando foi montado *Rendez-vous*. Coube a Picasso executar a cortina do palco e sua audácia foi a causa de violenta contestação que se concretizou em uma hora de apupos. O público não estava acostumado com os balés realistas, cujos personagens são gente comum que vive nos *bas fonds* de Paris.

Diaghilev já tinha morrido, por isso coube ao coreógrafo Roland Petit encenar *Rendez-vous*. Picasso tirou o máximo proveito de seus pincéis para executar a cortina do palco e o fotógrafo Brassai encarregou-se da decoração que imita os bairros boêmios, por onde circula uma fauna de marginais.

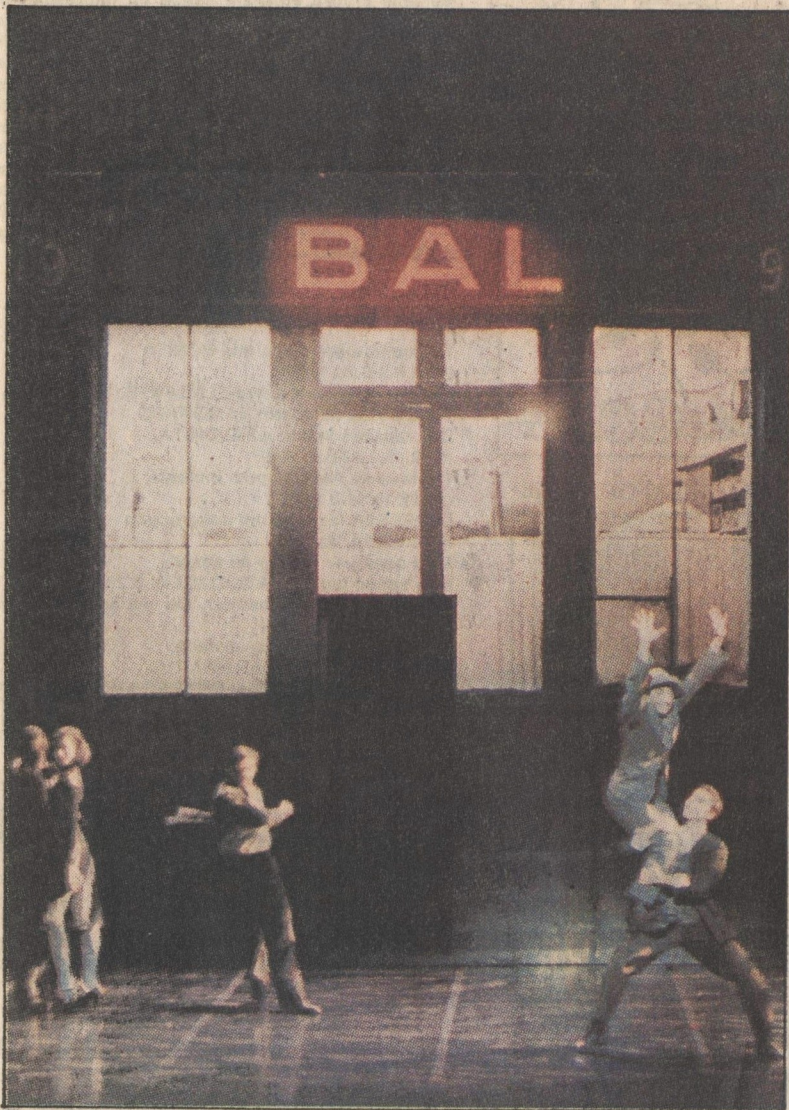
Parade foi montado durante a Primeira Guerra Mundial e introduziu recursos cênicos que na época eram vanguardistas — embora hoje nos pareçam banais —, como números circenses, substituição da música por ruídos insistentes e outros truques que chocaram a platéia. *Parade* marca a estreia de Pablo Picasso como figurinista e decorador. Pela primeira vez viu-se no palco cenários realistas, personagens caricaturados e figurinos extravagantes. “Quis fazer teatro dentro do teatro”, explicou o pintor espanhol. *Parade* foi cosiderado pela crítica “um insulto ao bom gosto e ao bom senso”.

Mas as vaias aumentaram quando Stravinski reproduziu, no balé *Apollon*, os sons primitivos e as dissonâncias bárbaras que tinham inspirado sua composição *A sagração da primavera*. A coreografia de Balachine também não escapou das críticas, por causa de seu estilo despojado e de sua sutil geometria. Mesmo assim, Balachine repetiu a experiência, contratando Serge Lifar para ser o solista de *O filho pródigo*, estreado em 1929, que também será apresentado em São Paulo. O enredo, como o título indica, é bíblico, e a música lírica de Prokofiev sustenta com perfeição uma das raras coreografias narrativas de Balachine.

Os quatro balés que São Paulo vai assistir representam um momento importante tanto de dança moderna quanto dos movimentos estéticos que marcaram a cultura européia neste século. Mostrar um tesouro assim ao público brasileiro é o objetivo respeitável a que se propõem os 150 dançarinos do corpo de baile da Ópera de Paris.



O filho pródigo, de 1929, que vem ao Brasil: marco da dança moderna com música de Prokofiev e coreografia de Balachine



Rendez-vous: uma hora de vaias para Picasso e Petit